

## POSTAR OU NÃO POSTAR? EIS A QUESTÃO: OS USOS DO FACEBOOK COMO FORMA DE RESIGNIFICAÇÃO DO PÚBLICO E PRIVADO.<sup>1</sup>

Antonia Zeneide Rodrigues<sup>2</sup>  
Francisco Alencar Mota<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho se debruça sobre as configurações das esferas pública e privada diante do desenvolvimento tecnológico decorrente do advento da internet, bem como da popularização das redes sociais por um número cada vez mais crescente de usuários, pertencentes às mais diversas camadas sociais. Corre-se o risco de estarmos vivenciando uma nova forma de “vigilância”, desta feita não nos moldes institucionais, como defendera Foucault, mas no âmbito das próprias relações interpessoais como desenvolvidas nas redes sociais, em que os próprios usuários compartilham deliberadamente dados concernentes às suas próprias vidas, os quais são apropriados externamente numa dimensão em que os mesmos não possuem a devida compreensão ou mesmo o controle.

**Palavras chaves:** Redes Sociais. Público. Privado.

### ABSTRACT

This paper focuses on the settings of the public and private spheres on technological development due to the advent of the internet and the popularity of social networks by an ever-increasing number of users, belonging to different social strata. It runs the risk of being experiencing a new form of "surveillance", this time not in institutional frameworks, as Foucault defended, but in the context of their own interpersonal relations as developed in social networks, where users themselves deliberately share data concerning their own lives, which are recognized externally in a dimension where they do not have a proper understanding or even control.

**Keywords:** Social Networks. Public. Private.

### INTRODUÇÃO

A internet constitui uma das maiores revoluções tecnológicas da humanidade, junto com ela as redes sociais começam a fazer parte do cotidiano social, como forma de comunicação e troca de mensagens, até invadir as residências das pessoas, sendo possível hoje ser utilizada para todos os tipos de transações – comerciais, profissionais, em geral, educacionais, afetivas entre outras. Segundo Castells, as “atividades econômicas, sociais, políticas e culturais, essenciais por todo o planeta, estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores” (CASTELLS 2003, p. 08). Razão pela

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada ao longo dos anos 2013 e 2014 acerca da utilização das redes sociais por jovens de uma escola pública do Ensino Médio no interior do estado do Ceará.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Email: zeneiderodrigues290@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e Orientador da pesquisa; Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Email: alencarmota@uol.com.br.

qual tem-se apregoado vivermos uma sociedade informacional sob novos aparatos tecnológicos. Assim, em continuidade com o pensamento do autor, manter-se fora da internet significa nos dias atuais uma das maiores formas de exclusão inclusive em termos econômicos, sociais e culturais.

Diante do que foi exposto anteriormente, tem-se que a internet ganhara proporções enormes no cotidiano das pessoas, com o surgimento das comunidades virtuais, que aos poucos foram sendo criadas, dando espaço a *posteriori* às redes sociais.<sup>4</sup> Pode-se perceber que estas passaram a representar uma ferramenta de socialização, interação e comunicação entre as pessoas. Surgiram diversas delas, como Orkut, Fotolog, Flickr, Facebook, MySpace, Twitter, também bate-papos como Msn e Skype. Que possuem ou possuíam milhares de usuários. Trazendo para uma perspectiva conceitual, Raquel Recuero destaca que

As redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem grupos sociais. Nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas pela comunicação. (RECUERO, 2012, p.16)

Sendo assim, as redes sociais desempenham um papel de conexão entre as pessoas, possibilitando outras formas de interação, onde são construídos grupos, com diferentes modos e finalidades de socialização. Nelas estão presentes relações que ora diferem das conversas “face a face”, ora se assemelham. Devido à característica de que todas utilizam a linguagem como forma de aproximação gerando uma conversação, a diferença é que não é necessário estar no mesmo espaço físico para que isso aconteça. Recuero (2009) também ressalta que a utilização da palavra “rede” seria uma metáfora utilizada para descrever a conexão dos grupos sociais a partir de conexões que são feitas pelos atores que dela participam, ou seja, todos estão em um mesmo “espaço” e uma mesma conexão.

Ao surgir as primeiras redes sociais, as pessoas começaram a selecionar o que desejavam compartilhar com os “amigos” da rede. Começaram a criar as próprias formas de comunicação e disseminação dela. Antes do Facebook, houve outras redes sociais como, por exemplo, o Orkut, que obteve um grande número de usuários, mas que foi perdendo espaço para as inovações trazidas pelo Facebook. Outra grande rede é o Twitter que também obtém grandes proporções.

---

<sup>4</sup> Existe uma diferenciação entre Sites de Rede Social que são: Facebook, Orkut, Fotolog, Flickr, MySpace, Twitter, e Rede Social que é uma metáfora utiliza para descrever a conexão em rede dos atores sociais, que seria assim uma apropriação dos Sites de Rede Social, como ferramenta de socialização.

## REDES SOCIAIS: COMPARTILHAMENTO DE PRÁTICAS COTIDIANAS

Levando em consideração o exposto, as redes sociais têm ganho espaço bastante significativo na vida dos jovens, pondo em relevo a dinâmica das interações sociais que são estabelecidas através do Facebook, com a exposição dos “perfis”, onde os usuários acabam “compartilhando” dados importantes de suas vidas. Na atualidade, todos se tornam acessíveis, em se tratando de redes sociais com a internet, dado que a comunicação se tornara mais fácil, surgindo, assim, inquietações de como isso iria interferir nas relações físicas, ou seja, “face a face”, quais seriam os impactos, se é que eles realmente existem, na forma como as pessoas se relacionam, sobretudo em face da grande exposição nas redes sociais.

O computador, mais do que uma ferramenta de pesquisa, de processamento de dados e de trabalho é hoje uma ferramenta social, caracterizada, principalmente pelos usos conversacionais. Isso quer dizer que os computadores foram apropriados como ferramentas sociais e que esse sentido, em muitos aspectos, é fundamental para compreensão da sociabilidade na contemporaneidade. (RECUERO, 2012, p. 21)

Em suma, vale ressaltar a dinâmica das sociabilidades juvenis, trazendo, ainda, como suporte, a resignificação de alguns valores tradicionais, como o sentido de amizade, de público e privado, até mesmo as formas de conversar e trocar ideias com os amigos. São características de um tipo de sociedade fluida, que acabou sendo absorvida por um “mundo virtual” que muitas vezes transmite as deficiências dos problemas vividos no plano “real”. Zygmunt Bauman traz esses questionamentos, levando em consideração a sociedade atual, contemporânea, onde as relações sociais mais fluidas e descomprometidas.

Sabe-se que o virtual traz possibilidades da criação de uma “*second life*” (PALFREY; GASSER; 2001), funcionando como um universo de fantasias, um mundo paralelo, onde é possível criar versões de si mesmo para disponibilizar em rede. Sendo possível compartilhar sentimentos de alegria e satisfação - que nem sempre condizem com a realidade - O virtual é fluído, não tendo um local determinado; existe um meio de estar em vários lugares ao mesmo tempo. O que se torna perceptível é que a cada dia jovens disponibilizam muito tempo nas redes, podendo-se questionar se é devido a esta possibilidade ilusória de fugir da realidade. Em suma, o mundo virtual tornou-se extensão do real e aos poucos vai preenchendo os espaços cotidianos, principalmente dos jovens que têm a possibilidade de acessar as redes sociais de todos os lugares, inclusive via celular, em consequência do que formaram-se as “comunidades virtuais”, com pessoas buscando os mesmo interesses. Segundo Bauman

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para condensar-se em laços. (...) Os contatos exigem menos tempo e esforços para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. (BAUMAN, 2004, p. 39).

Esta característica traduz um contexto que vai além do virtual; sabe-se que aspectos vividos no mundo virtual possuem traços do que as pessoas vivenciam na “realidade”; são apenas reflexos que as redes sociais possibilitam que sejam transmitidos on-line; são comportamentos que fazem parte da sociabilidade contemporânea, pós-moderna e individualizada.

### **PÚBLICO/PRIVADO: UM NOVO VIES**

Nas redes sociais, os jovens estão em constante movimento e a interação, que acontece de diferentes formas – conversas *online*, postagens, marcação de amigos em fotos, onde são expressos sentimentos, opiniões, etc. Pessoas se comunicam, relacionam-se; trata-se de um local democrático e livre, o que possibilita, em alguns momentos, determinados “excessos”; as vidas começam a ser “compartilháveis” em uma rede social, o que acaba interferindo ou reconfigurando os conceitos de público e de privado. Ressaltando até que ponto os jovens estão expondo suas vidas *online*, assim se manifestaram os autores:

A privacidade digital tem sido um tópico instigante desde que a internet se tornou um meio popular em meados da década de 1990. Nunca antes, tantas informações sobre qualquer um de nós estiveram tão facilmente acessíveis para tantos, vivamos ou não da maneira como vivem os Nativos Digitais. (PALFREY; GASSER; 2011, p.66)

A privacidade foi algo que indiscutivelmente se modificou com as redes sociais. As informações estão, hoje, mais acessíveis; dados pessoais que não chegariam a ser vistos por desconhecidos, hoje são facilmente acessados. Os conceitos do que deve ser privado e público acabaram ganhando um novo significado na “era digital”, o que de certa forma influencia também as relações sociais, pois em um perfil são procurados um grande número de informações e até mesmo quem não está online, ou não possui perfil, está exposto.

Quanto mais acontece a exposição de mensagens e postagens, mais a página do perfil se torna acessível e atraente, possibilitando ao usuário obter *status* na rede, sem falar que já existem empresas que incentivam a popularidade *online* com prêmios. Um exemplo seria uma

operadora de telefones móveis, que presenteia as pessoas com chips promocionais, de acordo com a popularidade no Facebook, ou seja, o acúmulo de pontos depende do número de curtidas, compartilhamentos, feitos no Facebook.

Atualmente, existem empresas que compram os dados das pessoas que são disponibilizados online. Em todo site que entramos, nos é solicitado o preenchimento de um cadastro; o próprio Facebook, para iniciar uma conta, requer que se faça um. Vai se formando, sem percebermos, um grande número de informações sobre nós e são disponibilizadas na rede. As grandes empresas compram as informações, e, ao acessarmos a rede, são colocados no nosso computador, propagandas, que se percebermos são de coisas que gostamos, ou já pesquisamos algum dia. São propagandas direcionadas a um público específico de consumidor, os gostos já são conhecidos, então apenas direciona-se. É normal entrar no Facebook e perceber propagandas, do lado esquerdo, contendo apenas coisas que você gosta. É algo assustador, pois não se sabe quem está nos observando e o que sabem a nosso respeito.

Segundo Palfrey e Gasser, ao longo de nossas vidas vão-se formando “dossiês digitais”, como segue: “todas as informações digitais contidas, em muitas mãos diferentes, sobre uma dada pessoa constituem o seu dossiê digital.” (2011, p. 51). Hoje, ao nascer, a criança, nos seus primeiros minutos de vida, já tem fotos lançadas na rede, disponibilizadas a um número indefinido de pessoas que podem visualizá-la. Assim, desde cedo, já se inicia a formação do dossiê digital. Como se trata de algo respectivamente novo, não se pode fazer previsões precisas de quais serão as consequências desta nova forma de exposição, de compartilhamento excessivo de dados, a despeito de que tem-se constatado um número crescente de casos de violação de direitos, alguns dos quais concernentes à própria privacidade, com as devidas implicações jurídicas, decorrentes do uso aleatório de exposição de dados pessoais nas redes.

O problema da privacidade é exacerbado em relação aos jovens pelo fato de estarmos no início da era digital. O tempo não está do lado dos que nasceram digitais. Ninguém ainda, nasceu digital e viveu até a idade adulta. Ninguém, ainda, experimentou o efeito agregado de viver plenamente vidas digitalmente mediadas, digamos, uma vida de oitenta ou noventa anos [...] mas ninguém sabe ainda qual o verdadeiro impacto que isso terá a longo prazo. (PALFREY; GASSER 2011, p. 75)

Partindo deste pressuposto, pode-se analisar a questão como uma nova forma de estabelecer laços de amizade, oportunidade de conhecer e saber o que está acontecendo na vida destes supostos “amigos”, mediante a troca de informação, diante da possibilidade de

conseguir a confiança e conquistar mais amizades *online*, pois as vidas são expostas, como uma forma de aceitação em grupo, que, na maioria das vezes, excedem tais exposições.

Em todo caso, essa exposição, por vezes, se torna inevitável, visto que a dinâmica do Facebook só acontece com a interação das pessoas, que é alimentada pelo compartilhamento de informações dos usuários, pois as informações devem ser postadas no momento em que acontecem, são disponibilizadas na rede para serem curtidas, comentadas. É importante a “imediatez” das informações. Para Maffesoli (1984), uma das principais características da socialidade são as relações que acontecem no presente, no momento em que elas acontecem. Outro fato que chama a atenção é que tais informações, na maioria das vezes, devem ser postadas no momento em que acontecem que são atualizações de perfil, para que as pessoas possam curtir ou não.

É o caso, por exemplo, da estrutura do Facebook e do recurso do “like” ou “curtir”. Quando alguém publica uma mensagem e outro “curte” o que foi dito, temos a formação de um par adjacente, já que o ator está tomando, ainda que de forma simbólica, parte na conversação e explicitando a sua aprovação. (RECUERO, 2012, p. 73)

Com postagens de vários acontecimentos diários fica fácil conhecer a vida do outro, de forma *online*; com apenas um *click* se torna possível observar os acontecimentos no mural, como uma vitrine que se modifica rapidamente, tudo exposto, passando em frente aos nossos olhos, postagens, fotos, compartilhamento de ideias e fatos cotidianos. Uma das entrevistadas para a pesquisa assim relatou em relação ao Facebook “é uma rede social, que a gente pode interagir com pessoas de diversos lugares, pode colocar o que a gente está sentindo, é praticamente um diário... (risos) só que não é secreto, todo mundo ver.”<sup>5</sup>

Alguns Nativos Digitais que entrevistamos pareciam perceber seus amigos como a principal audiência daquilo que eles colocam *online*, seja no *YouTube*, seja em seu *blog*. Outros estavam claramente mais conscientes das implicações do fato de que muitas outras pessoas podiam ver as informações pessoais que eles colocam *online*.” (PALFREY; GASSER; 2011, p. 40)

Como forma de aproximação, é utilizada a exposição de um grande número de informações pessoais, nem sempre os usuários das redes preocupam-se com as questões referentes à privacidade, o que se leva em conta as noções de público e privado. Com a exposição contínua de acontecimentos diários, os internautas conseguem audiência, como se

---

<sup>5</sup> Dados de uma pesquisa realizada em 2013/2014 com jovens de uma escola do Ensino Médio no interior do Ceará.

os amigos fossem telespectadores de suas próprias vidas. Nesse sentido, como podemos abordar a noção de “privado”? Quais as implicações da exposição gerada pelas exposições de dados pessoais nas redes sociais? Logo depois que se lança algo na rede, parece perder-se o controle definitivamente daquele conteúdo; não se sabe quem poderá ter acesso.

Uma das alunas entrevistadas na pesquisa que embasara o presente trabalho discordara do que está sendo posto, ao afirmar que a privacidade não mudou, por que segundo ela “só mudou pra quem quis que mudasse, por que se eu não quero que você veja minhas fotos eu posso colocar só pros meus amigos mesmos.” Segundo Recuero, se referindo ao Facebook “o sistema é muitas vezes percebido como mais privado que os outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros.” (RECUERO, 2009, p. 171). Levando em consideração a questão da seletividade, quanto a escolher os amigos que terão acesso às suas informações pessoais, a pesquisa constatou que a maioria dos jovens entrevistados não possui um critério muito rígido para aceitar um convite de amizade. Uma outra aluna entrevistada descreveu o que ela faz quando recebe um novo convite: “eu olho a foto, aí olho o que ela publica, aí mesmo que eu não conheça eu aceito.”

Como também existem alunos que possuem o perfil no Facebook, mas que não necessariamente utilizam para descrever toda a sua vida, muito menos postam fotos, o utiliza apenas para curtir páginas de seu interesse, e observar a vida dos amigos. Segundo outra entrevistada, o “Facebook é um meio de comunicação social, que teve uma difusão muito grande, e assim, com o tempo, se perdeu a privacidade, as pessoas mesmo se privaram de serem reservadas, elas começaram a se expor, eu acho que deu pra perder aí.” (sic) Percebe-se posturas diferenciadas a respeito disso, mas que na prática, observando os perfis no Facebook, dos alunos entrevistados, em algum momento, existe tal exposição, nem que isso aconteça através de terceiros.

O Facebook compreende uma dinâmica específica de utilização, que acontece de acordo com a reciprocidade, impondo-se como um instrumento indispensável, em que só faz sentido para os jovens estar conectado se existir um *feedback*; conseqüentemente, para que isso aconteça, é necessário haver uma alimentação das informações que são postadas na rede, não sendo sem sentido que o Facebook possui o “*feed* notícias”, que são as atualizações constates dos amigos. E ainda, para que haja uma maior interação, também não podem deixar de serem citadas as notificações<sup>6</sup> que, para muitos, conseguir se torna uma busca constante,

---

<sup>6</sup> São as ações dos seus amigos no Facebook, uma forma de manter atualizado, sobre as suas postagens, curtidas, compartilhamentos... Ao entrar em seu perfil, são visualizadas no canto direito, em vermelho, suas notificações. É o feedback esperado por todos que acessam as redes.



pois na dinâmica do Facebook, elas são muito importantes, pois representam a resposta às postagens. Por isso a preocupação dos jovens estudantes em procurar postar algo que julga interessante para os amigos, mesmo quando postam fotos ou acontecimentos cotidianos: “gosto de compartilhar coisas que me interessam e que interessam aos outros também”, expressara um dos entrevistados.

Para que possa haver essa interação e apresentação de informações sobre si mesmo, é preciso ter um perfil. Os relacionamentos acontecem de acordo com os perfis, as postagens, a popularidade, os compartilhamentos; quantas pessoas “curtiram” torna-se um critério de interação, constituindo-se tal recurso num elemento da dinâmica diferenciada de se relacionar, do próprio Facebook. Os perfis têm um papel importante nessa perspectiva de criação até mesmo da identidade, a qual representa os atores no mundo virtual.

Os elementos do corpo, portanto, precisam ser representados no ciberespaço para auxiliar a construir uma presença, o que ocorre principalmente através da escrita e da performance. Ao construir um perfil, os atores precisam reconstruir indícios que deem pistas aos demais interagentes a respeito de quem são. Assim, elementos representações do corpo (como avatares), discricção, expressões linguísticas, gostos, convenções etc são transportados para este perfil uma ideia de quem é aquele ator. (RECUERO, 2012, p. 140)

Como os alunos comentaram no grupo focal<sup>7</sup>, “às vezes no face as pessoas aparentam ser uma pessoa pra gente, mas assim, pessoalmente é outra coisa.” (sic). Eles também destacaram que não acreditam em fotos de perfil, pois na realidade são bem diferentes do que as pessoas são, na realidade, pois, segundo eles, “são fotos escolhidas a dedo”. Existe essa possibilidade de criar algo que não existe ou mesmo tentar passar algum sentimento de felicidade, satisfação que não se estar sentido no momento, para os amigos virtuais. Determinada entrevistada relatou que “o que a gente vai postar mostra o que a gente é!”

A conversação em rede, além desses elementos, também gera visibilidade, reputação e popularidade. Quanto mais citado é alguém, quanto mais referências a sua participação na conversação, maior visibilidade. Quanto mais indivíduos tem acesso ao que ele diz e concordam com esse ator, mais elementos de reputação ele soma, além de aumentar sua popularidade e visibilidade. (RECUERO, 2012, p. 137)

Outra entrevistada afirmou: “eu não tenho nada contra, é mais um conselho, você coloca lá ‘partiescola’<sup>8</sup>, aí a pessoa sabe onde você está, sabe o caminho, aí a pessoa ainda é

---

<sup>7</sup> Dentre os diversos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa está o denominado “grupo focal”, que possibilitou um maior aprofundamento do tema.

<sup>8</sup> O hashtag (#) é utilizado em redes sociais como Facebook e Twitter, geralmente vem acompanhada de outra palavra. (ex.: #partiescola) funciona como uma etiqueta que interliga todas as mensagens que possuem um



muito ligada no celular, vai andando... é um risco! ” (sic) A exposição demasiada no Facebook também pode trazer riscos. Segundo Palfrey e Gasser “há razões para ser muito cauteloso sobre quantas informações os jovens estão compartilhando com os outros em espaços públicos da rede sobre si mesmos e suas particularidades” (2001, p.113). De acordo com o autor, ao passo que existe um compartilhamento exacerbado, conseqüentemente se deixa “rastros digitais” e quem o encontra *online* conseguirá facilmente achá-lo *off-line* até mesmo um estranho.

Tal exposição acontece como já foi dito, para se conseguir mais popularidade, visibilidade dos amigos, ganhar muitas curtidas, e comentários. Outro ponto que ressalta à presente pesquisa é a competição entre indivíduos muito comum de acontecer nas redes, não fugindo a isso o Facebook. Essa competição acontece em forma de postagens, e que pode acontecer de diversas formas

Por exemplo, é muito comum usar a ferramenta para marcar uma chegada em um determinado lugar e divulgar no Twitter e no Facebook ou mesmo postar fotos de onde se está. São rituais de marcação, onde se coloca não apenas uma localidade na conversa, mas igualmente, anuncia-se, descreve-se o lugar físico (onde estou) para diálogo. (RECUERO, 2012, p. 76).

Geralmente são expostos, além do local onde se encontra, os nomes das pessoas que estão presentes, as quais são “marcadas” nas fotos, uma atividade bastante comum no Facebook. “Esses rituais são relevantes em termos conversacionais porque narram elementos que tradicionalmente são perceptíveis no espaço *off-line* para o *online*. (ibidem, p.77)”. Uma das alunas entrevistadas assim se pronunciara: “eu acho legal, colocar assim: com... aí tal pessoa e tal pessoa, como eu já coloquei aí chega um monte de gente: Oh vocês estão aí? Onde vocês estão? Eu vou pra ai... não sei o que... aí junta mais amigos, eu acho isso interessante!” (sic). Ao comunicar para os amigos virtuais, que se estar em um lugar com os outros amigos e os nomes deles são citados, isto é, “marcados”, tal fato pode gerar conseqüentemente um encontro. Ao mesmo tempo em que isso pode trazer riscos.

Ressalte-se quanto a essa competição incessante entre os jovens no Facebook, que, nos primórdios de sua criação em fevereiro de 2014, Mark Zuckerberg o desenvolveu em meio a uma brincadeira de disputas, para selecionar a garota mais bonita do campus da Universidade de Harvard. Diante disso, a competição e curtidas referentes comparação de pessoas acontece

---

mesmo nome, como um código, é geralmente utilizada em campanhas, quando um grande número de pessoas desejam manifestar uma opinião. Pois ao colocar o # (hashtag) a palavra fica de cor diferente e destaca-se das demais. O termo “partiu” é uma linguagem muito comum no Facebook quando se refere que irá fazer alguma coisa. (ex.: #partiusaircomamigos; #partiu festa; #partiu estudar). Seria uma maneira de descrever qual será a próxima atividade que a pessoa irá desenvolver e também podem acompanhar outras palavras além de “partiu”.

como forma de quem possui mais “curtidas” ou quem frequenta lugares mais interessantes. Razão pela qual a grande maioria das fotos tiradas, o são quase que exclusivamente com o intuito de serem postadas. Não basta superar o amigo, mas também se deve publicizar isso como forma de pertencimento ao grupo.

A pesquisa constatou que os jovens estudantes não gostam de assumir que postam fotos, a maioria disse que postava anteriormente, como forma de desculpa, mas que não mais o fazem. No entanto, analisando os perfis dos entrevistados, pode-se constatar que os alunos postam um número considerável de fotos. Apenas uma das alunas entrevistada assumiu postar muitas fotos por dia, em um aplicativo que hoje faz parte do Facebook, o Instagram<sup>9</sup>. Ela afirmara que adora postar fotos para as pessoas saberem o que ela está fazendo e com quem está.

A *postagem* de fotos é bastante utilizada pelos alunos, mas sabe-se que as fotografias são um recorte de algo, ou algum acontecimento, que não necessariamente retratam o que acontece verdadeiramente. Mas a fotografia, principalmente depois da ascensão dos aparelhos celulares, embutidos com câmeras digitais, ganhou um novo aspecto, principalmente na atualidade com a moda do *self*, que são fotos tiradas de si mesmo com o aparelho celular, que pode ainda, conter um grupo de pessoas que se juntam tentando se encaixar na tela do celular. “A fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente dependente da imagem.” (MARTINS, 2008, P. 36)

A fotografia não congela nem retrata “o que está lá”. Nos dois casos, justamente a irrealidade da fotografia é que tece a trama de suposições responsáveis pelo drama e pelo dramático. Portanto, a fotografia nutre a sua interpretação por uma contínua remessa do real, que não se deixa congelar, que não interrompe o seu fluxo e que, por sua vez, agrega e redefine significações ao que só aparentemente é um “congelamento” de imagem e, nesse sentido, um “retrato” da sociedade em certo momento.” (ibidem, p. 37)

Nas redes sociais é comum a utilização de fotos, como postagens, contendo frases e *check-in* dos locais onde as pessoas estão naquele momento, tal recurso sendo usado como um complemento na descrição dos fatos. Assim é que se pode constatar muitas fotografias não só no Facebook, mas principalmente em aplicativos como o Instagram, que são utilizados para tirar fotos e editá-las. Estar-se vivendo em uma sociedade visual, como citou o autor. Nunca foi tão fácil tirar fotos, e nunca se teve tantas imagens disponíveis de uma pessoa, em rede.

---

<sup>9</sup> Instagram é um aplicativo gratuito que permite aos usuários tirar fotos, aplicar um filtro e depois compartilhá-la numa variedade de redes sociais, incluindo o próprio Instagram. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>> pesquisado em julho de 2014.

Álbuns de fotografia, agora, são raros, pois as fotos se convertem em *bytes* e estão visíveis para um grande número de pessoas.

São essas implicações e modificações em vários aspectos da vida social que ganharam novas formas de ser nas redes sociais. Destacaremos, agora, o que dissera uma das entrevistadas, referindo-se à utilização do Facebook: “eu uso o Facebook pra me comunicar com meus amigos, falar onde eu tô, com quem eu tô, de certa forma pra expor minha vida e pra saber da dos outros também!” (sic). A mesma mencionara isso de forma bem decidida e descontraidamente. Não seria exagero afirmar que grande parte das pessoas usa o Facebook, consciente, ou até desejosa de estar se expondo, no sentido de obterem algum status, conquistar amizades, curtidas etc. Um aluno comentou que ficou muito triste por que a primeira foto de seu perfil teve três curtidas. Que depois disso não tivera vontade de entrar mais no Facebook. Para se estar conectado, ficar horas nas redes, é preciso ter a reciprocidade, a interação, uma dinâmica que não pode parar.

## **A VISIBILIDADE COMO UMA ARMADILHA**

As novas sociabilidades, portanto, são influenciadas por tais aspectos que estão ligados com a questão da privacidade, posto que a dinâmica de sociabilidade existente no Facebook favorece a exposição de dados sobre si, requerendo tornar-se “popular” entre os amigos, ganhando mais curtidas.

Se você não está disponível nas redes sociais, não estar em lugar algum. O mundo da tecnologia não lhe perdoará essa traição. Recusando a se juntar ao Facebook, você perde amigos (...) mas isso não é apenas uma questão de perder relacionamentos, é uma separação social por excelência. Se você não declara e não paga impostos por via eletrônica, fica socialmente isolado. A tecnologia não vai permitir que você se mantenha distante. *Eu posso* transmuta-se em *eu devo*. Posso, logo, sou obrigado a. Dilemas não são permitidos. Vivemos numa realidade de possibilidades, não de dilemas. (BAUMAN; DONSKIS, 2014 p. 03)

Apesar desse discurso obter questões, um tanto quanto extremas, percebe-se no mínimo um posicionamento crítico acerca dessa problemática das redes e do pertencimento ao mundo virtual. Segundo o autor, isso nos é cobrado socialmente. O grande medo seria ser esquecido, não ser visto. Ainda segundo ele a internet seria uma forma rápida e barata de vigilância, pois existe uma cooperação dos próprios agentes, levando em consideração vivermos em uma “sociedade confessional” (idem, 2014, p. 40).

Existe a possibilidade de levar-se em consideração a ideia de Panoptismo de Foucault (1987) ele usa esse termo para representar uma das formas de vigilância no século XVII

quando era decretado uma peste na cidade. O *panóptico*<sup>10</sup> seria utilizado para se ter uma ampla visão das pessoas que estivessem enclausuradas. O prisioneiro “é visto, mas não vê; objeto de uma informação, nunca sujeito numa comunicação” (ibidem, p. 224). Analisando em termos subjetivos pode-se perceber que, segundo Foucault, “a visibilidade é uma armadilha” (1987, p. 224). Vivendo em uma sociedade de controle, sendo totalmente vigiados, existindo inúmeras possibilidades de ser visto nas redes sociais as pessoas “se mostram” demasiadamente, se deixam encontrar. “Milhões de usuários no Facebook competem para revelar e tornar públicos os aspectos mais íntimos e inacessíveis de sua identidade, conexões sociais, pensamentos, sentimentos, atividades.” (Bauman; Donskis, 2014 p. 40). Segundo os autores, os sites de rede social são uma forma de “vigilância voluntária” do tipo “faça você mesmo”. Isso facilitaria o trabalho dos profissionais de vigilância e espionagem.

Levanta-se a questão de que nos dias atuais, por mais que se procure por privacidade, ela se torna impossível. Estamos sendo vigiados, e se tornar visíveis, querendo ou não, pode ser uma armadilha que contém consequências inimagináveis, não sendo sem sentido que aumenta o número de violações de direitos (imagem, privacidade, dentre outros) na sociedade digital, tendo as redes sociais contribuídas para isso.

A questão seria sabermos que estamos sendo vigiados e contribuir com isso, consciente ou inconscientemente. Grandes empresas compram os dados disponibilizados na rede. Dispusemos nossos gostos, desejos sem que saibamos quando, quem, e de onde estão vindo os olhares que nos observam. Estamos constantemente vigiados por câmeras, *selfs*, *check-ins* dos locais onde passamos. Isso pode torna-nos vulneráveis ao poder invisível que nos cerca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, concluímos o presente trabalho com algumas considerações que julgamos oportunas em face do que temos denominado de “novas sociabilidades”, referindo-se à forma como a interação social tem se dado após o advento da internet e das redes sociais, em particular.

---

<sup>10</sup> O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. (1987, p. 223)

De imediato, parecemos estar sob um processo social que se desenrola, de certa maneira, de forma “objetiva”, sem o nosso completo controle, ou, como queiram, sem que tenhamos desenvolvido alguma forma consciência mais apurada acerca de suas implicações, sobretudo por se tratar de mudanças sociais recentes que sequer atravessaram o tempo de uma geração. Vê-se, conforme exposto no trabalho, que as pessoas têm se lançado a uma forma de publicização de si mesmo a fim de (julgam elas) não incorrerem no risco de exclusão, ao menos tendo-se em conta o que alguns autores têm denominado de “exclusão digital”. A avalanche de dados, sobretudo de caráter pessoal, que estão disponíveis na internet, parte dos quais inerentes à própria intimidade, tais como gostos, preferências etc, são reapropriados muitas vezes sem o consentimento de seus titulares, enquanto que outra parte são disponibilizados intencionalmente pelos próprios, implicam no mínimo a submissão a riscos de exposição dos quais não se tem, ainda, uma compreensão devidamente mensurada. Tal fato põe em evidência a publicização da intimidade quer no âmbito das relações interpessoais quer no âmbito das relações institucionais, do que serve de exemplo, como mencionado no trabalho, a oferta de produtos com os quais temos maior afinidade ou preferência na tela de nossos computadores pessoais por parte de determinadas empresas sem que tivéssemos (pelo menos explicitamente) compartilhado tais preferências.

O aprimoramento desse processo pode ser visualizado tanto em termos dos sujeitos envolvidos, diversificados entre jovens e adultos, das mais diversas classes sociais, como também em termos dos próprios conteúdos, desta feita, envolvendo aspectos da individualidade, como se pode depreender da exposição de perfis, fotos, dados de intimidade etc, dizendo respeito não somente às relações institucionais, mas sobretudo pessoais, sob uma nova forma de sociabilidade genérica, que compreende a individualidade como um todo, não somente partes desta.

Sem que queiramos afirmar categoricamente, mas, por outro lado, não podendo fugir de assim o fazer, podemos estar diante de uma nova forma de vigilância, desta feita, não somente de caráter institucional, como podemos depreender do pensamento de Foucault, mas, no plano das relações interpessoais, estando os próprios agentes contribuindo para o processo em questão, bem como para os riscos de que são vítimas, deixando, muitas vezes, se dominarem por quem, sem que saibamos exatamente, utilizam ou controlam os dados que são disponibilizados pelos próprios usuários das redes sociais.

O presente trabalho, portanto, adentra o tema que envolve a relação entre o público e o privado nessa sociedade que alguns definiram de “digital”, que se desenvolvera em meio ao

advento da internet e, mais especificamente, das redes sociais, em face das novas interações sociais, implicando um nova configuração dessas esferas que demandam ser agora compreendidas tendo-se em conta os processos tecnológicos inerentes ao seu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leônidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. trad. Maria C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MARTINS, José de Sousa. **A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações**. In: Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-62.

PALFREY, John. GASSER, Urs. **Nascidos na Era digital: Entendendo a primeira Geração dos Nativos Digitais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. 238p.

\_\_\_\_\_, **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191p.